

Práticas de bilingüismo – relato de experiência

Stumpf, Marianne Rossi

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Stumpf, M. R. (2006). Práticas de bilingüismo – relato de experiência. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(2), 282-291.
<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101771>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

PRÁTICAS DE BILINGÜISMO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dr^a. Marianne Rossi Stumpf

RESUMO

A autora, uma surda brasileira - usuária da Libras e especialista em escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting, convidada a participar de uma pesquisa sobre uma forma gráfica para a Língua de Sinais Francesa - escreve suas observações sobre o ensino bilíngüe para surdos na França.

PALAVRAS-CHAVE

Educação de surdos na França; Projeto LS-Script; Diferentes práticas bilíngües.

BILINGUAL PRACTICES

ABSTRACT

The author, a deaf Brazilian, user of Libras (Brazilian Sign Language) and a specialist in sign language writing through the SignWriting system, invited to participate in a research project on a graphical form for the French Sign Language, describes her observations concerning the bilingual education for the deaf in France.

KEY WORDS

Deaf education in France; Project LS-Script; Different bilingual practices

INTRODUÇÃO

Como parte de minha tese de doutorado, defendida em dezembro de 2005 na UFRGS, abordando a escrita da língua de sinais, e graças a contatos de meu orientador na França, tive a possibilidade de participar da primeira parte de um importante projeto de pesquisa sobre a ELS (escrita da língua de sinais) que está sendo realizado naquele país.

Esta participação trouxe-me a oportunidade de trabalhar junto a um grupo extremamente qualificado de pesquisadores, cujo foco do atual projeto é a escrita da língua de sinais. Não tenho notícia de outra equipe assim habilitada e reunindo profissionais de vários campos - da educação de surdos, da lingüística aplicada à língua de sinais e da informática - que tenha se debruçado sobre esse objeto de estudos.

As interações aconteceram com vários grupos de pesquisadores surdos e ouvintes, de lingüística, de informática e professores de surdos, como atividade experimental com várias turmas de estudantes surdos, entre eles crianças e adolescentes.

O presente trabalho tem como objetivo relatar, de modo comentado, minha estada na França e os trabalhos vinculados à educação de surdos que lá realizei.

ESCOLAS COM CLASSES DE SURDOS NA FRANÇA

A França tem uma longa e importante tradição na educação dos surdos. Foi na França que nasceu a primeira escola para surdos, o *Institut National de Jeunes Sourds de Paris* – INJS, que existe ainda hoje com o mesmo nome. Desse instituto partiram professores surdos e professores de surdos para fundar, respectivamente, a única universidade exclusiva para surdos no mundo - a *Gallaudet University de Whashington* – e a primeira escola brasileira para surdos - o *Instituto Nacional dos Surdos (INES)* - fundado no Rio de Janeiro, no tempo do Império, que hoje persiste e é ligado ao MEC.

O reconhecimento do direito dos surdos a uma educação bilíngüe foi estabelecido na França pela lei 91 – 73, artigo 33 de 18 de janeiro de 1991: “Na educação dos jovens surdos, a liberdade de escolha entre uma comunicação bilíngüe – língua de sinais e francês escrito – e uma comunicação oral é de direito”.

A promulgação desse decreto foi precedida de uma longa caminhada e lutas empreendidas por educadores, pesquisadores, familiares de surdos e surdos. Das ações, que historicamente realizaram, constaram experimentações de métodos e técnicas de ensino,

redação de textos, movimentos sociais, conferências, estabelecimento de serviços especializados, testes, notas ministeriais, circulares do ministério de educação relativas à organização escolar, exames e concursos públicos, decretos descrevendo ações de acompanhamento às famílias, incluindo serviços especializados a domicílio, cuidados médicos e técnicos, desenvolvimento da comunicação, desenvolvimento da personalidade e integração social.

Em 25 de novembro de 2001 é o Parlamento Europeu que reconhece a Língua de Sinais dentro da escolaridade: “A Língua de Sinais deve ser reconhecida como uma língua completa e, como tal, ser objeto de um referencial”. *Dossier de Réflexion. Réalisation APES-PAO IRIS – Impression AIRBUS 2004.*

A educação em língua de sinais francesa corresponde à escolha da Língua de Sinais como primeira língua da criança surda. A língua de sinais é a língua dentro da qual a criança se construirá como indivíduo e nela será educada. Deverá ter acesso o mais cedo possível a ela, pois o encontro da criança surda com sua língua de sinais marca o ponto de partida do reconhecimento de sua pessoa e seu acesso direto a uma língua, pois ela é visual.

O bilingüismo é o objetivo visado pela criança surda. Ela deverá adquirir duas línguas: a língua de sinais e a língua de seu país em sua forma escrita (leitura e escrita). Para atingir esse objetivo, a escola precisa em suas práticas trabalhar de forma diferente, usando uma pedagogia que possibilite ao educando atingir essa meta.

O trabalho de articulação e aquisição da língua oral pode ter lugar na educação de uma pessoa surda, mas deve ocorrer fora da escola e, mais apropriadamente, em clínicas especializadas. A língua oral não é necessária se houver opção pela adoção da perspectiva bilíngüe. Vinte anos de estudos na área da educação bilíngüe para surdos (vinte anos durante os quais modificações nessa educação aconteceram e permitiram observar seus excelentes resultados) levaram os defensores do bilingüismo a pesquisar uma nova e ambiciosa meta que é a da possibilidade de introduzir a escrita de língua de sinais nas aulas de línguas de sinais das classes bilíngües.

O projeto LS-Script é subvencionado por três ministérios franceses: da Pesquisa, da Cultura e do Trabalho. Previsto para durar dois anos: de 14/12/2004 a 14/12/2006. Nele atuam cinco parceiros: IRT da Universidade Paul Sabatier (Toulouse-informática), LIMSI Orsay (informática), IRIS (Toulouse), WEBSOURD (Toulouse) e SFL Universidade Paris 8 (lingüística).

O objetivo principal do projeto é responder à pergunta: Quais são as formas de escrita para os surdos? Ao longo do desenrolar do projeto, e centrado no contexto do ensino bilíngüe, outras ações se fizeram necessárias, quais sejam:

1 – Identificar as necessidades e as expectativas em matéria de formas gráficas para a Língua de Sinais Francesa – LSF.

2 – Propor as bases de um formalismo gráfico para a LSF.

3 – Propor as representações na informática centradas sobre o sistema gráfico e ferramentas informáticas para ajudar a escrita e a leitura.

4 - Trabalho inicial de informantes sobre o SignWriting com o objetivo de introdução ao formalismo gráfico propriamente dito.

Cabe ressaltar que a associação IRIS esteve na origem do ensinamento bilíngüe na França. Logo depois de uma primeira experiência em Poitiers e Nancy, essa associação abriu uma classe na Haute-Garonne em 1985. Uma experiência que começou em uma escola privada, La Prairie em Toulouse, antes de acontecer na escola pública. A partir de 1989, estendeu-se do maternal Sajus de Ramonville ao Liceu Arènes, também em Toulouse, passando pelo colégio André Malraux de Ramonville. Em 1998, o reitorado da Haute-Garonne entregou o primeiro diploma de bacharelado a um surdo na França, educado em sua língua de sinais, graças ao desenvolvimento do ensino bilíngüe: francês escrito – língua de sinais.

O IRIS é um instituto de pesquisas sobre as implicações da língua de sinais. Ele teve como um de seus fundadores o Prof. Patrice Dalle, pai de uma jovem surda, que foi meu orientador durante minha pesquisa em Toulouse.

Esse instituto, criado em 1988, considera que a língua de sinais é a língua natural dos surdos; ele tem por objetivo organizar, gerar e participar de diferentes atividades, estudos e pesquisas sobre a língua de sinais, a pedagogia em língua de sinais na educação das crianças surdas e investigar o papel da língua de sinais na integração social e profissional dos surdos.

O IRIS propõe, também, iniciação e formação em língua de sinais, e ainda formação destinada ao ensino da língua de sinais.

Na qualidade de parceiro institucional com a Educação Nacional e Ação Social, o instituto orienta o desenvolvimento de um percurso educacional em língua de sinais desde o maternal até o término, nos estabelecimentos de ensino regular de Ramonville – Saint-Agne e Toulouse.

O Instituto gera, ainda, com o apoio do conselho geral, uma prestação de acolhimento e acompanhamento social e de trabalho em ações de integração de pessoas surdas no meio profissional.

Para acompanhar essas ações exercidas por profissionais usuários da língua de sinais, surdos e ouvintes, o IRIS criou também um setor audiovisual e multimídia e também um centro de informação e documentação.

Mantendo sua sede em Toulouse, o Instituto instalou uma associação filiada em Bourdeaux em 2001. Foi o IRIS que me contratou para participar do projeto.

Depois de três anos de parceria estratégica com as sociedades de cooperação WebSourd (programas de pesquisas técnicas e científicas em torno da imagem, das novas tecnologias e da comunicação visual e INTERPRETIS - Associação dos Intérpretes em Língua de Sinais) o IRIS trabalha igualmente na constituição de um pólo de atividades econômicas e científicas regionais em torno da língua de sinais.

O projeto de LS-Script, sobre as formas gráficas da LSF, contou ainda como parceiros o Departamento de Linguagem da Universidade Paris 8 e o Laboratório de Informática para a Mecânica, Ciências e Engenharia – LIMSI, órgão pertencente ao Centro Nacional de Pesquisas Científicas que participa do projeto através do Departamento de Comunicação Homem-Máquina.

O Prof. Dalle é o responsável pela equipe de TCI do Instituto de Pesquisas em Informática de Toulouse- IRIT, pertencente à Universidade Paul Sabatier de Toulouse.

Foi um privilégio poder participar desse projeto de grande significado para a comunidade surda, o qual veio enriquecer minha pesquisa, nessa área, que tem sido o foco de meu trabalho durante os últimos nove anos. O papel que me foi designado dentro desse projeto foi o de especialista em SignWriting.

MINHA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO LS SCRIPT

A sensibilização para o desenvolvimento da forma gráfica da LSF, por crianças francesas, foi desenvolvida por mim, especialista em SignWriting, e abrangeu as turmas: MS/GS, CP/CE1, CE2 e CM1 (as siglas correspondem às turmas das 4 primeiras séries do ensino primário brasileiro). O trabalho, com as crianças, foi iniciado em 31 de março de 2005 e durou até o fim de junho deste mesmo ano (dez a quinze horas de sensibilização por grupo).

Atualmente o projeto ainda está em curso de preparação, pois é necessário adaptar o SignWriting à LSF.

As atividades de sensibilização para escrita de língua de sinais, utilizando a sistema SignWriting adaptado à LSF (língua de sinais francesa), permitiram-me observar dois projetos de Educação Bilíngüe que são desenvolvidos em duas diferentes cidades francesas: Toulouse e Poitiers. Ambos os projetos com diferentes concepções alcançam o objetivo de proporcionar aos surdos uma educação qualificada onde a língua de sinais é realmente a língua dentro da qual a educação se constrói.

ESCOLA CENTRE DE RAMONVILLE E SEU FUNCIONAMENTO – TOULOUSE

A Escola Centre é uma escola pública regular de educação infantil, situada em Ramonville, pequena cidade da região metropolitana de Toulouse. É uma escola inclusiva, como é a grande maioria das escolas européias, onde estudam 18 surdos. Há poucas escolas só para surdos na França. Em Toulouse existe uma escola de filosofia oralista, a qual não goza de prestígio entre os membros da comunidade surda, que considera seu ensino pouco exigente no que se refere aos conteúdos escolares. O seu enfoque é profissionalizante.

A coordenadora pedagógica, responsável pelos trabalhos com os estudantes surdos, é uma professora surda contratada pelo IRIS. Ela mostrou a escola e me apresentou às quatro professoras de classe e às quatro professoras auxiliares, todas surdas.

Os objetivos e os programas da escola são os mesmos da Educação Nacional. Um lugar primordial é dado à LSF e à aprendizagem do francês escrito.

Deste modo, o papel proposto para a LSF é o de:

Desenvolver e estruturar a expressão

Consolidar o desenvolvimento psicológico e intelectual

Reativar a história e a cultura surda

Desenvolver o espírito crítico

O papel proposto para o francês escrito é o de aceder:

À leitura

À produção de diferentes escritas

À autonomia dentro da sociedade ouvinte

O ensino, ministrado por professores surdos como fator de motivação e projeção no futuro, visa:

Diversificar os conhecimentos gerais

Franquear ao estudante surdo a possibilidade de se tornar bilíngüe (LSF -> língua francesa escrita)

Integrar social e profissionalmente.

As salas de aula têm armários com livros, dicionários, cartazes em francês e fotos, mesas para os alunos, uma mesa redonda grande para trabalhar em grupo, um computador para a professora, dois quadros-verdes, pia e torneira.

Há também uma sala de aula para a Língua de Sinais Francesa – LSF - com televisão, vídeo cassete, filmadora e armário com fitas de vídeo. Muitos cartazes com configurações de mãos, desenhos de sinais e fotos de expressões faciais.

Diariamente, as aulas começam às 9:00 horas e vão até às 12:00 horas. Eles almoçam na escola e as professoras trazem seus almoços. Reiniciam às 14:00 e vão até 17:00 horas. Todas as quartas-feiras a escola fecha para que as professoras organizem os planos de aula.

Todas as quintas-feiras, à tarde, a coordenadora pedagógica vai ao IRIS, onde participa de conselho de classe com a encarregada da educação especial da prefeitura, psicóloga e assistente social contratadas pelo IRIS. Às vezes, há aulas nos sábados pela manhã.

SENSIBILIZAÇÃO A UMA ESCRITA QUE NÃO SEJA O FRANCÊS

Foi elaborado, pela equipe, um plano de trabalho visando uma sensibilização à possibilidade de uma escrita que não seja a do francês.

As atividades propostas para as crianças tiveram o objetivo de levá-las a produzirem uma mensagem escrita compreensível usando papel e lápis, mas sem que para isso usassem a escrita do francês. Dizia a elas que a mensagem deveria ser elaborada de tal forma que pudesse ser compreendida se enviada a um destino distante. Na sensibilização entraram a narrativa, pantomimas e prêmios.

Nesta atividade, eu representei um barco, navegando ao longe, e os alunos eram náufragos em uma ilha. Assim, deviam enviar mensagens a mim.

Recebi muitos papéis que as crianças desenharam. Não escreveram em francês, nem desenharam mãos sinalizando. Desenharam personagens e flechas indicando direções.

Quando terminaram a atividade, as crianças receberam bombons e sentaram no chão. As professoras perguntaram a elas o que acharam do jogo. Uma criança disse querer outro jogo para ganhar mais bombons, outra disse que queria desenhar as formas das mãos como sinais no papel, mas a professora falou que não podia. A professora explicou para ela que não podia escrever em francês, mas não falou nada sobre a possibilidade de escrita para a LSF. A criança pensou que não podia desenhar as formas das mãos. Ela é a mais velha de todas as crianças e sabe escrever em francês. O intérprete sentou e assistiu durante todo o tempo. Depois ele devia assistir todas as fitas de vídeo para transcrever para o francês.

Depois dessas atividades introdutórias, iniciei o ensino da escrita de sinais pelo sistema SignWriting adaptado à LSF. As aulas, como previa o projeto, prolongaram-se por três meses do ano de 2005.

Vale acrescentar que o ensino médio segue a mesma proposta de inclusão com classes de surdos em escolas de ouvintes. Os professores podem ser ouvintes ou surdos, mas todos sabem muito bem a língua de sinais francesa. Não usam intérpretes nas salas de aulas. Se um aluno do ensino fundamental ou médio não consegue passar de ano, é encaminhado a uma escola de surdos profissionalizante. As universidades trabalham com intérpretes.

VISITA DE SENSIBILIZAÇÃO SOBRE SIGNWRITING: A CIDADE DE POITIERS

A cidade de Poitiers fica a 350 km de Paris. É uma cidade pequena com mais ou menos 90.000 habitantes. A cidade tem duas escolas para surdos: uma escola especial de orientação oralista e uma escola de integração que trabalha com a educação bilíngüe. Essa última foi a escola que visitei. Possui Educação Infantil e primeira até a quarta série, tendo cerca de doze surdos integrados.

No Brasil, as escolas de surdos, embora em geral alcancem baixos resultados acadêmicos, representam um papel importante de espaço surdo, de aquisição da língua de sinais e até de facilitação das pesquisas da área e busca de qualidade e inovações nas práticas educativas relacionadas à surdez. Na França, não é assim. Lá as escolas de surdos são, em geral, oralistas e representam a segunda opção para as crianças surdas. São mais voltadas ao ensino profissional.

A opção bilíngüe é exercida dentro das escolas regulares, em classes adaptadas às necessidades dos surdos.

O professor Michel Lamothe é o diretor do serviço de educação bilíngüe para crianças surdas em Poitiers. Em 1980, criou a “Associação de duas línguas para uma educação – 2LPE”. Esta associação é que, junto com a escola de inclusão, contrata os professores surdos, intérpretes e também professores ouvintes que tenham boa fluência em LSF.

A maioria dos professores surdos não tem formação universitária; esses professores são contratados pelo serviço de saúde da prefeitura, sob a ótica de que é dever da prefeitura proporcionar a língua de sinais às crianças surdas para que possam conviver socialmente.

O professor surdo também ensina a LSF às crianças ouvintes que estudam na escola de inclusão para que elas possam se comunicar com as crianças surdas.

A Associação já selecionou três professores surdos para trabalhar na escola de inclusão que não têm formação universitária e cuja língua de sinais é a língua popular dos surdos, não uma língua culta dos sinais.

Numa manhã fui à escola primária de inclusão chamada Paul Bert. Observei a turma de CP/CE1 (composta por vinte e quatro crianças, sendo sete surdos e dezessete ouvintes). A professora ouvinte tem boa fluência na LSF, mas não a usa para dar aulas. O professor surdo usa a LSF na sala de aula e os dois trabalham sempre em conjunto.

A professora ouvinte explica para as crianças ouvintes, e o professor surdo explica para as crianças surdas como fazer os exercícios de matemática. As crianças ouvintes fazem perguntas para a professora ouvinte e as crianças surdas perguntam para o professor surdo.

Continuei como observadora na sala de aula e almocei com os professores surdos na escola. Das 13:30 às 14:45 horas fomos para a sala de informática com as crianças surdas, onde apresentei aspectos da cultura brasileira, utilizando o datashow para mostrar coisas do Brasil. As crianças ouvintes foram para a sala de música.

Na hora de recreio (trinta minutos), voltamos à sala de aula e a professora ouvinte pediu que eu explicasse para todas as crianças, surdas e ouvintes, sobre o sistema SignWriting.

O professor surdo me ajudou na comunicação, pois todas as crianças conseguem se comunicar bem com ele. Têm duas crianças novas ouvintes que não sabem a LSF, o professor surdo sinaliza bem devagar para elas, às vezes a professora ouvinte também sinaliza para elas, porque são novas. Normalmente, após o almoço as crianças surdas e as ouvintes se separam. As surdas vão para a sala de LSF e as ouvintes para a sala de música.

As crianças surdas e ouvintes mostraram o mesmo interesse pela escrita de língua de sinais e eu tinha dificuldade em diferenciar umas das outras. Fizemos muitos experimentos de

escrita de língua de sinais no quadro, com a participação do professor surdo e de todas as crianças, revezando-se para escrever sinais no quadro com a ajuda das crianças sentadas.

Nesse mesmo dia, à noite, fui à “Associação de duas línguas para uma educação – 2LPE” para assistir uma reunião marcada pelos pais de surdos, profissionais e adultos surdos sobre a organização de uma conferência em julho de 2005. Foi muito interessante observar eles interagirem, pois todos usam a língua de sinais. A conferência foi sobre educação bilíngüe para os profissionais e famílias de surdos. Analisaram a conferência do ano passado e planejaram como melhorar a desse ano. Após a reunião, ofereceram vinho, champagne e aperitivos para unir as pessoas que vão trabalhar na conferência. Nesse momento festivo também se reiterava a possibilidade da criação de novos futuros para a educação da pessoa surda. Esses futuros dependem de nossos atos presentes, nos espaços, lugares e posições que ocupamos.

MARIANNE ROSSI STUMPF

Doutorado em Informática na Educação pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul; Especialização em
Administração de Projetos Sociais; Coordenadora de Design
Instrucional Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: stumpf@qbnet.com.br
